

Coordenador: Ricardo C.R. Moreira

# Doppler colorido nas doenças vasculares

*Duplex scan in vascular disorders*

---

Strandness Jr DE. *Doppler Colorido nas Doenças Vasculares*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.

---

Qual foi o maior avanço no manejo das doenças vasculares das últimas décadas? Na opinião deste pesquisador, foi a ultra-sonografia Doppler. Muitos vão discordar, achando que o maior avanço foi a cirurgia endovascular. Mas, enquanto as técnicas endovasculares são úteis apenas numa minoria dos pacientes com problemas arteriais, a ultra-sonografia Doppler (ou eco-Doppler, ou ainda *duplex scan*) atualmente é usada praticamente na abordagem de todos os problemas vasculares, sejam venosos ou arteriais. Nos problemas venosos, a avaliação das varizes e o diagnóstico da trombose venosa praticamente se resumem ao eco-Doppler. Nas doenças arteriais, a arteriografia foi substituída pelo eco-Doppler na avaliação da doença oclusiva das carótidas, nos aneurismas periféricos e da aorta abdominal. Mesmo no último reduto da arteriografia, que é a doença oclusiva dos membros inferiores, muitos cirurgiões experientes baseiam a decisão e o planejamento cirúrgico no exame de eco-Doppler. Em suma, a ultra-sonografia Doppler se tornou o mais importante exame no diagnóstico e no planejamento cirúrgico da maioria das doenças vasculares.

### Quem foi o maior responsável pelo desenvolvimento da ultra-sonografia Doppler?

Aqui, praticamente todos concordam que foi Donald Eugene Strandness. No início dos anos 60, o Professor Strandness criou um dos laboratórios pionei-

ros de investigação não-invasiva de problemas vasculares, na Universidade de Washington, em Seattle, nos EUA. Num período de três décadas, o grupo do Prof. Strandness desenvolveu, sucessivamente, o fluxômetro Doppler (inicialmente chamado “Doptone” e usado para avaliar os batimentos cardíacos fetais), os primeiros aparelhos de ultra-sonografia Doppler de onda pulsada, e, mais tarde, a jóia da coroa: o eco-Doppler com fluxo a cores. Portanto, pode-se afirmar, sem exagero, que o Prof. Strandness foi o pai da ultra-sonografia Doppler, o criador do conceito de laboratório vascular não-invasivo e o patriarca de uma especialidade médica, a ecografia vascular.

O Prof. Strandness morreu fisicamente no dia 7 de janeiro de 2002, aos 73 anos de idade. Mas, seu legado como cirurgião vascular e pesquisador clínico continua vivo através de numerosos artigos científicos e livros, especialmente o livro *Duplex Scanning in Vascular Disorders*, cuja tradução é objeto desta resenha.

O livro *Ecodoppler Colorido nas Doenças Vasculares*, publicado pela editora Guanabara-Koogan em 2004, é a tradução da terceira edição norte-americana da obra *Duplex Scanning in Vascular Disorders*, publicada pela Lippincott, William & Wilkins, em 2002. O livro tem formato grande (28 x 20 cm) e apresentação primorosa, com capa dura e impressão em papel couchê. Como o próprio título já antecipa, o texto é enriquecido por numerosas ilustrações coloridas das imagens ecográficas. Aqui, vale repetir o que já foi mencionado em outras resenhas: quem acompanha a edição de livros médicos no Brasil se surpreende com o salto de qualidade editorial da última década. Atualmente – e esse livro

é um belo exemplo – a qualidade e o capricho das edições de livros médicos nacionais nada fica devendo às edições de livros estrangeiros.

A lista de autores do livro reflete uma característica dos laboratórios vasculares dos EUA. Naquele país, o trabalho de realizar os exames de eco-Doppler recai sobre os chamados *vascular technologists*. Esses técnicos de nível superior realizam o exame em si, escolhem as imagens apropriadas, as interpretam, redigem e assinam o laudo, que é co-assinado por um médico, responsável técnico pelo laboratório. No Brasil, ao contrário, quase sempre é o médico quem realiza o exame. Devido a essas características norte-americanas, todos os autores do livro são *vascular technologists* ou enfermeiras, com exceção do Prof. Strandness e seu braço direito, o Dr. Kirk.

O livro é dividido em três partes. A primeira, escrita integralmente pelo Prof. Strandness, cobre a parte teórica, incluindo o histórico do eco-Doppler, hemodinâmica arterial e venosa, métodos clínicos de avaliação do paciente vascular e vários capítulos sobre anatomia, fisiologia e patologia dos diversos territórios vasculares. A segunda parte, escrita pelos *vascular technologists*, mistura de forma harmônica teoria e prática. Essa parte foi claramente escrita por e para profissionais que fazem exames de eco-Doppler, e, naturalmente, contém mi-

lhares de informações úteis para quem se dedica à investigação não-invasiva das doenças vasculares. A terceira parte tem um enfoque extremamente prático, mostrando como se elaboram os laudos dos diversos tipos de exame. No final, o Dr. Kirk brinda o leitor com um excelente apêndice sobre física aplicada aos aparelhos de ultra-sonografia Doppler.

As poucas críticas ao livro ficam restritas à sua tradução. O livro foi traduzido por uma radiologista, que deve ter pouca familiaridade com a linguagem dos especialistas em moléstias vasculares. Alguns exemplos: *thoracic outlet* é traduzido como drenagem torácica, quando o correto é desfiladeiro torácico; *arterial clamp* aparece como grampo arterial, quando o correto seria pinça ou “clampe” arterial; *patch* é traduzido como retalho, quando o correto seria remendo. Mas são críticas menores, considerando a qualidade do texto.

O livro *Doppler Colorido nas Doenças Vasculares* é altamente recomendado para iniciantes e para veteranos dessa nova e fascinante especialidade (ou, respeitando a nomenclatura oficial do Conselho Federal de Medicina, área de atuação) chamada Ecodoppler Vascular. Ao adquirir o livro, o(a) ecografista vascular estará, no mínimo, prestando uma homenagem póstuma ao Prof. D. Eugene Strandness, maior responsável pela existência da sua própria especialidade.

## **ERRATA**

Esclarecemos que o artigo *Vasculite leucocitoclástica crônica: relato de um caso e revisão bibliográfica*, de autoria de José Lacerda Brasileiro, Antônio Gabriel Vieira Coutinho Mendes, Juliana Chen, Izaias Pereira da Costa, Lídia Satsico Aracaqui Ayres e Maldonat Azambuja Santos, trata-se de um relato de caso atendido no Núcleo do Hospital Universitário da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande (MS), e não em Cuiabá (MS), como foi publicado na revista número 4 de 2004.